

José Carlos Pratas

Prof. António Barbosa: há a ideia de que as pessoas da Obra são ligadas ao Poder, o que não corresponde à verdade

OPUS DEI: viva o trabalho

Espalhados por todo o Mundo são 74 mil, pertencentes a 87 nacionalidades. É o universo humano da Opus Dei. Também lhe chamam "Obra" e tem por fim "difundir em todos os ambientes da sociedade a mensagem evangélica do chamamento universal à santidade e ao apostolado".

Josemaría Escrivá de Balaguer foi o seu fundador em 1928, ainda que em Portugal tenha iniciado a sua existência em 1945, ano em que o sacerdote espanhol, pelos bons ofícios da irmã Lúcia, esteve no nosso País. Por cá, tudo começou em Coimbra. Com o tempo ganhou outras terras e hoje reclama a presença em todo o País junto de pessoas de todas as condições sociais, idades, estados e convicções.

Ao contrário do que consta, a Opus Dei nada tem de seu. E nunca poderá possuir ou controlar jornais, bancos ou outras empresas. As actividades que desenvolve sustentam-se com os donativos dos próprios membros da Obra.

Edificada sobre a vocação de cada um dos seus membros, tem do trabalho uma visão muito própria, já que entende que "é preciso trabalhar por amor a Deus e para serviço dos nossos semelhantes".

"Pessoas correntes" foi como o vigário regional da Obra em Portugal, prof. António Barbosa, considerou os elementos da Opus Dei. É uma definição contrária à ideia, mais ou menos generalizada, de que os homens da Obra são essencialmente pessoas ligadas ao Poder e detentores de grandes influências políticas e económicas.

SÁBADO - Um muro de silêncio tem

separado a Opus Dei da informação. Porquê?

António Barbosa - Não estou muito certo disso. O Fundador da Obra deu entrevistas a alguns dos mais prestigiados jornais e revistas do Mundo. O actual pre-

dados, as nomeações para os órgãos de governo da Opus Dei, relações com a Santa Sé e autoridades diocesanas, etc. Os Serviços de Informação da Opus Dei, cuja morada e número telefónico constam da lista de assinantes, estão à disposição de quem se quiser esclarecer e têm promovido encontros com jornalistas, com a projecção de documentários sobre a realidade da Obra.

Não deixo de constatar que, por vezes, alguns meios de comunicação social não tiveram a isenção e objectividade a que temos direito, como qualquer outra instituição da Igreja.

Como ex-profissional do mundo da opinião pública, tenho de concordar que a naturalidade e a transparência da vida das pessoas da Obra não dá lugar a notícias. São pessoas correntes, dedicam-se a actividades de carácter civil, a par de muitas outras pessoas. Escapam, deste modo, ao índice do estranho, do noticiável, do espectacular.

S. - O que é, concretamente, a Opus Dei?

A.B.- É uma instituição da Igreja Católica, uma prelatura pessoal, isto é, um tipo de estrutura da organização pastoral saída do Concílio Vaticano II e regulamentada por Paulo VI. Com o falecimento deste, foi João Paulo II quem aplicou à Opus Dei esta vontade dos padres conciliares, de modo a corresponder às particu-



Arquivo Opus Dei

O prof. António Barbosa acompanha o fundador da Obra, mons. Josemaría Escrivá, em visita a Fátima

lado, mons. Alvaro del Portillo, tem tido conduta semelhante. Jornais do nosso País publicaram entrevistas suas. A prelatura edita um boletim oficial, chamado "Romana", que qualquer pessoa pode assinar, onde se inserem notícias sobre as activi-

lares necessidades pastorais e evangelizadoras do nosso tempo. A Opus Dei foi fundada em 1928, por mons. Escrivá, considerado como um dos percussores do último Concílio.

A finalidade da Opus Dei é difundir a doutrina de Cristo entre todo o tipo de pessoas, ajudando-as a tomar consciência de que estão chamadas a viver plenamente a vida cristã no meio das suas actividades quotidianas, na família, no trabalho, na sociedade.

A Opus Dei dá formação espiritual e doutrinal aos seus membros, para que depois cada um, no exercício da sua liberdade e responsabilidade pessoais, actue nos ambientes onde está, difundindo aí o espírito evangélico. Em relação a essas actividades pessoais, os directores da Opus Dei não dão indicações concretas, nem assumem a responsabilidade.

S. - Pode fazer-me um retrato da Opus Dei em Portugal? Que é preciso fazer para entrar na Obra? Pode-se sair livremente?

A.B. - Em Portugal a Opus Dei começou em 1945, altura em que mons. Escrivá, pelos bons ofícios da irmã Lúcia, então a viver em Tuy, visitou o nosso País e estabeleceu contactos com alguns bispos. No ano seguinte, chegaram a Coimbra os primeiros membros, com a intenção de residirem estavelmente, tendo aberto uma residência universitária a que se juntariam, pouco depois, outras no Porto e Lisboa.

O trabalho da Obra tem-se estendido por todo o País, com maior enraizamento em zonas mais populosas. Deste modo, parece que é fácil compreender quem são os membros da Obra: pessoas de todas as condições sociais, idades, estados, convicções. Com percentagens semelhantes àquelas que se encontram na nossa sociedade. Para ser mais exacto, na parcela católica da nossa sociedade, visto que evidentemente são pessoas católicas.

Para entrar na Obra é preciso vocação. É uma realidade cristã que só se pode explicar na sua totalidade numa linha de fé.

Para nos entendermos todos (uma vez que não é altura de desenvolver considerações teológicas), posso dizer-lhe em duas palavras: mons. Escrivá, pelo carisma fundacional e pela sua personalidade humana, nunca foi inclinado a votos, juramentos ou coisas semelhantes (reconhe-

cendo o papel insubstituível destes compromissos na vida consagrada). Pelo contrário, estabeleceu um compromisso contratual, baseado na palavra, na honra de uma pessoa cristã. Este compromisso é feito pelo interessado a um representante da prelatura, na presença de duas testemunhas. É preciso sublinhar que abrange apenas os aspectos ascético, de formação e apostólico, deixando total liberdade, a mesma de que goza qualquer católico, em todos os outros: por exemplo, de opção profissional, política, etc.

A idade mínima para fazer esse compromisso pela primeira vez é de 18 anos, tendo de ser renovado durante os cinco anos seguintes. Só depois se pode fazer definitivamente.

Mons. Escrivá, homem apaixonado pela liberdade, acentuou que só há uma força para persistir numa deliberação

... "a Opus Dei se edifica sobre a vocação de cada um dos seus membros, assumida num contexto de liberdade e de fé".

"O trabalho é a venturosa ocasião que o crente deve utilizar para restituir ao mundo a sua bondade original, reconduzindo-o a Deus e colocando-o ao serviço do homem".

deste género: porque quero! Portanto, a expressão é dele, "a porta está aberta de par em par para quem quiser sair", ainda que, evidentemente, isso seja motivo de profundo desgosto para quem tiver de experimentar uma situação dessas.

S. - Como se estrutura a Opus Dei? O que define verdadeiramente um membro da Obra?

A.B. - A estrutura da Opus Dei está de acordo com a sua finalidade. Sendo uma unidade pastoral orgânica, é presidida pelo prelado, eleito vitaliciamente, sendo a eleição confirmada pelo Papa. Este prelado tem conselhos e departamentos que o ajudam no governo da Obra. Em cada país nomeia um vigário regional, de acordo com o seu conselho, que governa assistido por organismos constituídos de maneira semelhante aos que existem a nível

central. Como qualquer instituição composta por cidadãos que se esforçam por contribuir para a obtenção das legítimas aspirações da sociedade de que fazem parte, os membros da Obra, numa perspectiva cristã, utilizam critérios de liberdade, flexibilidade e colegialidade que, de um ponto de vista humano, são, sem dúvida, um factor que contribui decisivamente para a expansão dos apostolados da prelatura. Repito que a Opus Dei se edifica sobre a vocação de cada um dos seus membros, assumida num contexto de liberdade e de fé. Para explicar esta decisão é preciso, porém, dispor de horizontes cristãos. Mas, tentando explicar o inexplicável, a vocação sobrenatural, recordo-me que o fundador da Obra costumava colocar como modelo para os seus membros os primeiros cristãos. Foram cidadãos correntes que na esfera familiar, no meio profissional e social, procuraram viver a sua fé com coerência, sem hostilizar ninguém, apesar das dificuldades e agressividade do ambiente. É isto que, nas actuais situações pessoais, os membros da Obra se esforçam por praticar, em união com a Igreja, o Papa, os bispos, os outros católicos e todos os homens.

S. O que é santificar o trabalho?

A.B. - Uma das melhores maneiras de conhecer a Opus Dei é a sua mensagem sobre o trabalho. O espírito de mons. Escrivá não era apenas de um bom humor consubstancial com a sua maneira de ser, mas, sobretudo, patenteava-se no seu optimismo em relação ao mundo. Também nisto ele "deu vida a iniciativas de vanguarda na evangelização e promoção humana" (deixe que lhe faça a citação de algumas palavras do decreto da Santa Sé sobre a prática em grau heróico das virtudes cristãs pelo nosso fundador).

O trabalho é a venturosa ocasião que o crente deve utilizar para restituir ao mundo a sua bondade original, reconduzindo-o a Deus e colocando-o ao serviço do homem. Por isso, de acordo com a concepção de mons. Escrivá, todos podem confiar que o seu trabalho tem valor aos olhos de Deus, ainda que as injustiças dos homens possam estabelecer discriminações sociais que é preciso conseguir eliminar.

Devo acrescentar que, para mons. Escrivá, o trabalho realizado com este espírito de santificação não se reduz à esfera,

digamos, "da criação". Entra, de pleno direito, na esfera "da redenção": é preciso trabalhar por amor de Deus e para serviço dos nossos semelhantes, numa perspectiva de transcendência que a Graça divina torna possível.

S. - Há quem entenda a Opus Dei como o sector mais tradicional no seio da Igreja Católica. Aceita esta posição?

A.B. - Não posso deixar de lembrar que a Igreja fundada por Cristo possui uma *traditio*. Ela também é a única fundada por Cristo na medida em que se tem mantido ao longo dos séculos fiel a essa *traditio*. Para além desta consideração de índole histórica, tenho de responder-lhe negativamente. Deixe ver se sou capaz de explicar-lhe... Do ponto de vista doutrinal, a Opus Dei não tem nenhuma doutrina específica. Isto é assim por vários motivos: porque seria estranho que pessoas comuns tivessem doutrinas (espirituais, filosóficas, teológicas) "de escola". Portanto, como a imensa generalidade dos fiéis, temos a doutrina da Igreja.

Ora esta doutrina é inclassificável em categorias de actualidade, modernidade, etc., pois é... perene. À minha mentalidade filosófica repugna-me a contradição nas definições. A Verdade não se deteriora com a passagem do tempo. Quanto à actuação dos membros da Obra, só lhe posso dizer que o maior ou menor êxito que porventura obtenham é mesmo só deles.

São animados a estarem na primeira linha das preocupações e problemas contemporâneos.

S. - Quais são as relações entre a Opus Dei e as dioceses? E com as ordens religiosas, por exemplo os Franciscanos ou os Jesuítas?

A.B. - A Opus Dei existe, é isso que está consignado entre as suas finalidades, para servir a Igreja conforme a Igreja quiser ser servida. Como dizia mons. Escrivá, em cada diocese em que trabalhamos "puxamos a carroça" na mesma direcção que o bispo, isto é, de acordo com o nosso espírito e modo de actuar, aprovados pela Santa Sé, procuramos colaborar nos objectivos traçados pelo Reverendíssimo Ordinário.

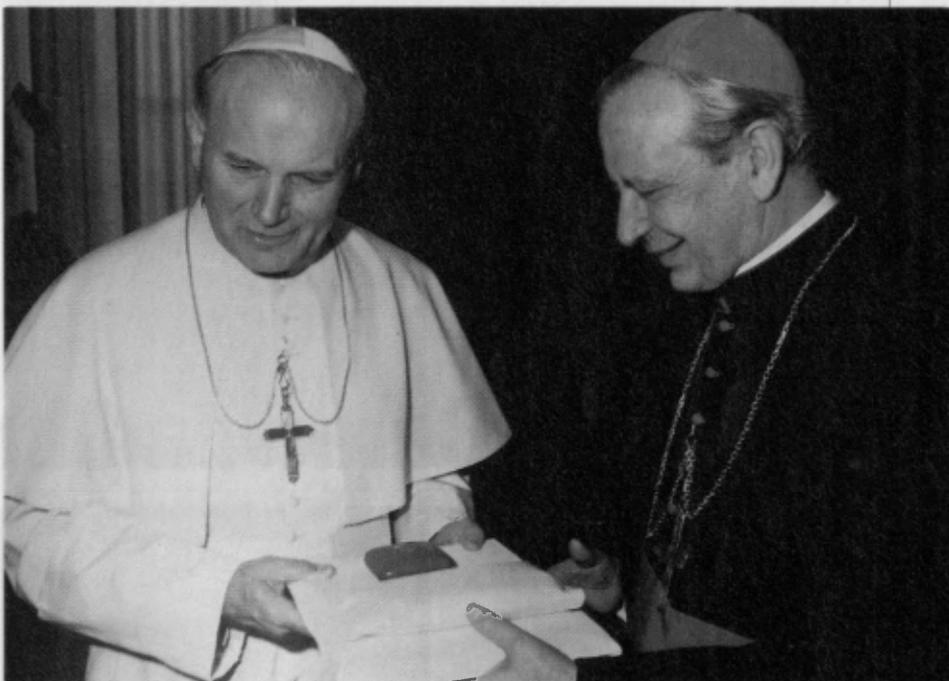
Por isso, mantenho, directamente ou através de representantes, contactos regulares com os bispos portugueses, para estar ciente dos seus anseios e desejos; particularmente com os que estão à frente

das dioceses onde a prelatura já trabalha estavelmente. Há outras disposições que regulamentam e tomam eficaz este espírito de colaboração. Por exemplo, para o começo do trabalho da Obra numa diocese ou para a abertura dum novo Centro é necessário contar com a autorização prévia do respectivo Ordinário.

Quanto às outras instituições que referiu, as relações são as habituais na Igreja. Seguindo o exemplo e os ensinamentos do nosso Fundador, alegramo-nos com todos os que trabalham na extensão do Reino de Cristo. E veneramos particularmente o estado religioso, embora saibamos que o nosso caminho é essencialmente dife-

pre essa ideia, que aparece nalguns sectores, reflecta intenções transparentes. Pergunto-me às vezes porque é que, no nosso país, sendo conhecida, por exemplo, a pertença de políticos ou empresários a outras instituições da Igreja, não se faça a conotação entre estas instituições e os partidos políticos em que militam ou as empresas que administram.

Noutros casos, na eventualidade da actividade de um membro da Obra ser confundida com a instituição, tenho de atribuir a que há sempre pessoas que têm dificuldade em aceitar que existam homens que não alienam a sua liberdade, sem que, por isso, tenham de deixar de ser



Arquivo Opus Dei

João Paulo II recebe o actual prelado da Obra, mons. Alvaro del Portillo

rente: o de fiéis correntes, com objectivos de santificação no meio do mundo.

S. - A ideia que se tem da Opus Dei é a de um grupo de pressão - "lobby" -, que se desenvolve em áreas do poder, movimentando interesses económicos. É verdade? Em caso negativo, como justifica que se tenha esta ideia?

A.B. - Não é verdade. A Opus Dei, como instituição, pela própria natureza e segundo o disposto pelo fundador, nunca poderá possuir ou controlar jornais, bancos ou outras empresas com finalidades comerciais, políticas, etc. Não desejaria ser simplista, mas é possível que nem sem-

católicos ou passem a ser menos católicos.

S. - O Vaticano prepara a canonização de mons. Escrivá. Quando tal acontecer, como irão apresentar esse santo: modelo de virtudes e exemplo a seguir, ou como mais um santo da Igreja Católica?

A.B. - Não há incompatibilidade entre esses dois aspectos. A Igreja, quando beatifica ou canoniza um fiel, tem como finalidade apresentá-lo aos crentes como exemplo de imitação de Cristo, que é o único modelo. Neste sentido, é muito expressivo que, depois do falecimento de mons. Escrivá, tenham sido milhares as cartas de fiéis de todo o mundo dirigidas

ao Santo Padre a pedir a abertura da Causa de Beatificação e Canonização. Foram pessoas de todos os ambientes sociais, entre as quais sobressaem as de 69 cardeais, 241 arcebispos e 987 bispos (ou seja, cerca de um terço do episcopado mundial) e as de 41 superiores gerais de ordens e congregações religiosas. Como sublinha o decreto da Santa Sé a que já me referi, a fama de santidade de mons. Escrivá, já amplamente comprovada em vida, conheceu, depois da sua morte, uma extensão universal a ponto de corresponder a um autêntico fenómeno de piedade popular em muitos países (entre os quais o nosso, acrescentaria eu).

O Fundador afirmou muitas vezes que não queria que o imitassem em nada, mas sim a Cristo. No entanto, penso que a sua vida é um modelo excepcional precisamente do modo concreto de viver a mensagem que Deus quis entregar aos homens por seu intermédio.

S. - A Opus Dei tem bens? Se não, como vive?

A.B. -Dizia-lhe há pouco que a Opus

Dei nunca poderá possuir ou controlar iniciativas com fins lucrativos, políticos, etc. As actividades apostólicas que os membros da Opus Dei promovem, evidentemente que exigem meios económicos, mas pela sua própria natureza não são actividades do Opus Dei. São actividades de cidadãos normais e correntes que procuram obter esses meios económicos dos modos habituais.

Como muitas dessas actividades são de carácter educacional e de solidariedade social, e, portanto, não lucrativas, sustentam-se com os donativos dos próprios membros da Obra e de muitas outras pessoas, católicas ou não, que entendem as finalidades sociais e apostólicas dessas iniciativas e com elas colaboram generosamente.

A Opus Dei, como instituição, apenas garante a formação espiritual, através de capelães ou de meios de formação doutrinária, às pessoas que livremente o desejarem, mas não é proprietário nem gestor dessas actividades.

S. - O sector onde a Opus Dei surge com frequência é no ensino (Universi-

dade Católica, Colégio Planalto, etc.). Porquê esta aposta ?

A.B. -Sendo a finalidade da Opus Dei exclusivamente formativa - difundir a doutrina cristã -, é natural que isto se realize também no âmbito de actividades de ensino, a todos os níveis e para todas as idades. Como a gente nova é mais buliçosa e sobressai pela sua actividade irreverente e cheia de entusiasmo, é natural que chamem mais a atenção. O Colégio Planalto, por exemplo, é uma iniciativa de vários pais de família, uns são membros da Obra outros não, que pediram à prelatura a nomeação de capelães para dirigirem as actividades de formação espiritual cristã. A Universidade Católica, pelo contrário, pertence à Conferência Episcopal Portuguesa. Temos dado esta colaboração, com bons resultados, a outras organizações no meio rural, ensino tecnológico, etc. Mas não faltam actividades de índole desportivo, formação de empresários, qualidade de vida, assistência a deficientes e à terceira idade. □

Francisco Máximo

Caras da Obra

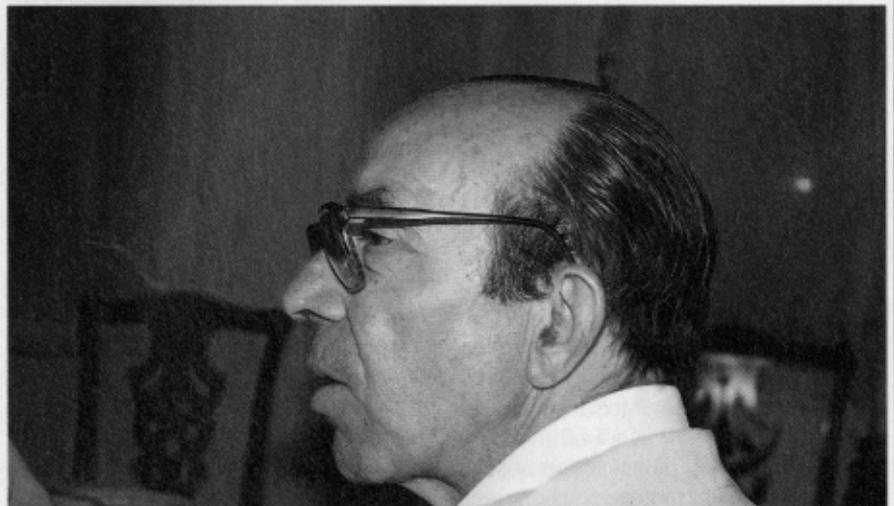
Para entrar na Opus Dei é preciso vocação. Depois, os membros da Obra, assumem-se como fiéis correntes, com objectivos de santificação no meio do mundo.

Falam com frequência dos textos Sagrados e citam vezes sem conta o Fundador da Obra.

Trabalham e dizem ter gosto em trabalhar. Hierarquizam os valores e garantem que aprenderam na Obra coisas que os ajudam a viver com mais alegria.

Ao contrário da ideia generalizada, os membros da Opus Dei, não se encontram só na política ou no mundo financeiro. Estão presentes em diversos sectores de actividades, onde dizem viver com espírito plenamente cristão.

Falámos com alguns deles. Não procuramos nomes conhecidos da política, como Mota Amaral, nem do sector bancário como Jardim Gonçalves, nem gestores públicos. Ficam os depoimentos.



O conceito de liberdade

Nunca ouvi falar de liberdade como na Opus Dei. "Sois libérrimos", dizia o seu Fundador, àqueles que o se-

guiam, ao mesmo tempo que lhes lembrava, evocando S. Paulo, que "a Verdade é que vos liberta".

É felizmente um facto que os quadros de referência políticos, económicos, sociais e culturais vão apurando em cada vez mais mundo, o valor que

neles e no seu mérito se atribue à liberdade. Mas é preciso ser insatisfeito, inconformista e objectivo.

O "amor à liberdade" que mons. Escrivá pregava e que na Opus Dei se ensina e se vive, não tem nada de confortável porque não pode ser egoísta.

Por isso, o desafio subsiste, a interpegação tem de ser ouvida e os deveres que essa Liberdade, com maiúscula, apresente a cada um, não só são mais profundos, como cada dia podem ser, simultaneamente, mais extensos e mais concretos.

Dr. Oliveira Dias, médico, ex-presidente da Assembleia da República.

Mãe de família e empresária

Sou mãe de quatro filhos, preocupada com a ocupação dos seus tempos livres. Vim a conhecer a Opus Dei que me levou ao encontro com Deus.

Como empresária, conhecer a Obra foi tomar consciência que a empresa como organização de pessoas leva a conhecê-las com as suas qualidades e defeitos, a ajudá-las a sentirem-se instrumentos indispensáveis quando no seu posto de trabalho cuidam a sua tarefa e a realizam com dignidade humana.

Mais tarde, colaborei também no arranque de um Centro de Formação Profissional em Ciências Domésticas e senti-me a contribuir para a valoriza-



ção do trabalho doméstico que, executado com categoria profissional, é nobre e digno merecendo todo o respeito como qualquer outro.

Conciliar todas estas actividades de Mulher, Mãe, Profissional e Empresária foi o que vim a aprender na Opus Dei: ter uma hierarquia de valores, ter o coração e a mente em cada coisa, executá-la com Amor.

Maria de Fátima Jorge Nunes de Almeida, Empresária.



Viver a virtude da justiça

Tinha 17 anos quando conheci a Opus Dei e ouvi falar de mons. Escrivá de Balaguer.

Nunca supus, então, a repercussão que iriam ter, daí em diante, na minha vida.

Enquanto lia as sebatas de Coimbra, ressoava aos meus ouvidos aquele ponto de *caminho*: "estuda; estuda com empenho; se tens de ser sal e luz, necessitas de ciência, de idoneidade." Decorridos vários anos de trabalho nos Tribunais, é com particular empenho que recordo estas palavras. Na verdade, fazer justiça requer uma correcta aplicação do Direito; e, quer uma quer outra, implicam um estudo contínuo dos factos, das leis e da natureza humana.

Na Obra, aprendi também que a justiça é uma virtude e, como tal, deve ser

vivida pessoalmente, em cada instante. Não é um acto de justiça isolado que torna uma pessoa justa; mas a repetição desses actos: entrar a horas, trabalhar com afinco, aproveitar o tempo, não atrasar as questões, ouvir as pessoas com atenção, não pôr de lado os assuntos mais difíceis, assumir os fracassos e tentar remediá-los, reprimir e desculpar oportunamente.

Maria Modesto Mouro Metelo Ribeiro, Delegada do Procurador da República.

Na vida de um taxista

Sou taxista há trinta e três anos. É-me muito fácil dividir este tempo em dois períodos. Os primeiros 26 anos e os restantes. Penso que vivi o primeiro período como acontecerá a muitos colegas meus. Uma vida de trabalho agitada, pressas, impaciências: os engarrafamentos, as exigências dos clientes, etc.

As coisas mudaram desde que comecei a frequentar os meios de formação espiritual da Obra. Agora o trabalho é o mesmo, com as mesmas complicações, mas encaro-as de modo diferente. São situações que é preciso ultrapassar sem perder a calma, o bom-humor, a alegria e procurando compreender as razões, os pontos de vista dos outros, ser-lhes útil, ajudar a resolver os seus problemas, etc.

Isto é assim, porque compreendi que o trabalho não é um castigo, uma



coisa que temos que aguentar, mas a colaboração que Deus me pede para o aperfeiçoamento do mundo e o meio que tenho para desenvolver as minhas capacidades como homem e como

cristão, filho de Deus. Aprendi a ver nas pessoas não só seres humanos - o que já é muito -, mas criaturas de Deus, filhos de Deus, que têm direito a ser tratadas como tal e a serem felizes.

Passei a encarar a minha vida e o meu trabalho com mais optimismo e confiança, a contar mais com a ajuda e o querer de Deus durante o meu dia. Vejo em cada igreja (e felizmente há muitas nesta cidade) das que aparecem nos meus trajectos, um Sacrário onde o Senhor espera por mim e que está disposto a ajudar-me e sinto que Ele me dá sempre mais do que aquilo que mereço.

Abílio Galhardo, taxista em Lisboa .



O trabalho doméstico

O gosto pelo trabalho da casa foi das coisas, que como muitas outras pessoas, adquiri de pequena. Não o tinha, no entanto, considerado nunca com um carácter "sério" de verdadeira profissão e, muito menos, como uma carreira científica. Esta foi uma descoberta que devo ao Fundador da Obra.

A preocupação por viver com um espírito plenamente cristão, qualquer trabalho honrado, qualquer profissão, e o esforço por encontrar aí o caminho de santificação no dia a dia leva a procurar

a preparação específica - profissional - para o seu exercício. O trabalho doméstico, como profissão digníssima que é, requer também esta preparação.

Tive a sorte de conhecer tudo isto a tempo de o poder escolher como o Curso a seguir. Nestes estudos universitários, descobri como na atenção duma casa há tanta riqueza, diversidade de interesses e campos de investigação. Poucas pessoas se preocuparão por observar o comportamento do seu detergente, ou estudar a melhor dosagem (sem se limitar a observar, sem mais, as instruções do fornecedor), o porquê duma lavagem deficiente, procurar soluções e diminuir custos, etc., etc. Neste campo, como noutros, o interesse e superação profissional, além de característica para o trabalho ser *bem* feito, é também um factor que estimula e dá mais gosto ao realizá-lo.

Maria Emília Sampaio Marrocos, Doutora em Ciências Domésticas.

Uma família numerosa

Ter uma família numerosa é embarcar numa aventura apaixonante que tem, como todas as aventuras, momentos difíceis para os quais não se vê exactamente a saída, e momentos de grande alegria.

Aprendi com a Obra a ter essa mentalidade aberta: a tentar pesar, em todas as ocasiões, o valor relativo dos acontecimentos e a agir de acordo com uma hierarquia de valores e com bom humor, sabendo que uma nuvem no caminho poderá bastar para não ver a bela paisagem que temos pela frente. E encontro no facto de levar para a frente a minha família um alimento para a minha própria realização pessoal, e não um estorvo, como algumas vez perguntam amigas minhas, que gostariam de ter muitos filhos, mas têm medo e "perder o seu próprio ser" nas mil tarefas que isso acarreta.

Também para os filhos é útil a existência de muitos irmãos - sei-o duplamente, porque fui filha única e porque o comprovo inversamente nos meus nove filhos -: é uma escola natural de virtudes humanas como a generosi-



dade, a laboriosidade, a alegria, de que nós - eu e o meu marido - estamos sempre a aprender também.

Teresa Carrusca de Brito, Licenciada em Economia, mãe de família.

Professora universitária

Quando conheci melhor a Opus Dei, era estudante dos últimos anos do liceu; ficara-me gravada uma frase de *Caminho* - a primeira grande obra de espiritualidade de mons. Escrivá - que me serviu de estímulo e de alerta nas horas mais árduas de estudo: "se tens de servir a Deus com a tua inteligência, para ti estudar é uma obrigação grave".

Comecei então a compreender que aquele ideal da doutrina e ensinamentos do Fundador da Opus Dei - "pôr



Cristo no cimo de todas as actividades humanas" - tinha uma particular incidência no campo intelectual e no mundo da cultura, onde a perspectiva dominante é muitas vezes a de uma disjuntiva entre fé e razão, entre vida sobrenatural e vida terrena... A ideia de poder reconciliar a razão com a fé, sem apagar ou obscurecer a primeira, nem abafar ou reprimir a segunda, como tantas vezes se pensa, não só me entusiasmou nos anos de estudante universitária, como me tem servido de norte e guia no meu trabalho de investigação e de ensino.

Tenho aprendido, com o espírito da Opus Dei, eloquentemente sintetizado na expressão "santificar o trabalho, santificar-se com o trabalho, santificar os outros através do trabalho", que há uma tarefa imensa a fazer e que consiste precisamente em dar unidade e sentido ao vasto mundo da cultura; que o trabalho intelectual, como todo e qualquer trabalho só dignifica o homem, só o realiza inteiramente quando integrado e dimensionado pela sua condição de criatura e de filho de Deus.

Luísa Couto Soares, professora universitária de Filosofia.

Presença da "Obra"

Em Portugal, a Opus Dei atende espiritualmente obras apostólicas de diversa natureza: Residências universitárias, como a Residência de Estudantes das Avenidas, em Lisboa e a Residência de Estudantes da Boavista, no Porto; centros culturais, como o Centro de Estudos Universitários de Lisboa, o Centro Cultural do Campo Grande (Lisboa) e o Centro Cultural Montemuro, em Braga; clubes juvenis como o Mira Clube e o Rampa, no Porto, o Clube Prisma, em Coimbra e o Clube Xénon em Lisboa.

Em Miramar, a poucos quilómetros do Porto, a Opus Dei orienta o Centro de Convívios de Enxomil. Anexo a este funciona o Centro de Formação Profissional Arcomira que leva a cabo uma acção de promoção social da mulher. □